



## SÍMBOLO DA PÁTRIA

Prof. Daltro Santos

*Em 1917, o saudoso professor DALTRO SANTOS proferiu vibrante e inesquecível oração, ao entregar a Bandeira Nacional aos jovens alunos do Batalhão Escolar do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Decorridos 60 anos, sentimos que seus conceitos permanecem absolutamente atuais. A Defesa Nacional, ao publicá-la novamente, dedica-a à juventude de hoje, pois eterno é o culto aos símbolos da Pátria.*

### Jovens alunos do Colégio Militar:

**I**des receber a dádiva de um tesouro! Os vossos educadores, os vossos guias, os vossos conselheiros vamos fazer-vos depositário de um sacrário de crenças, de um relicário de glórias.

Este pano bendito, que os nossos olhos costumam ver abrindo-se em ondulações ao vento, brilhante ao sol, tendido no ar, sob a formosura do nosso céu e dentro da moldura verde das montanhas natais; este pano fulgente — hino de amor, cântico de vitórias, epopéia de valorosos feitos, murmúrio de saudades, unção de beijos, grito de liberdade, devocionário de preces e livro de justiça; esse pano rútilo — que tem alma porque fala, que tem vontade porque age, que tem força porque edifica, que tem sensibilidade porque enternece, que tem crença porque abençoa, que tem amor porque nos envolve a todos sob a fulguração da sua grandeza; este pano imortal, este balsão radioso, este lábaro de ouro, é a Bandeira da Pátria, o "auriverde pendão de nossa terra"!

Vós ides recebê-lo, o símbolo sagrado, em que estão, inteiras, a terra, a gente e a história da Pátria.

A Pátria! Como dizer-vos, jovens, o que é a Pátria? Como pintar-vos as suas cores e esculpir-vos os seus contornos? Como cantar-vos os seus heróis e enaltecer-vos os seus eventos?

A Pátria é tudo! Quereis que vos diga tudo e eu nada digo porque ela palpita e freme tão forte, tão exclusiva, tão deslumbrante e multiforme nos mais íntimos recessos do meu ser, que o espírito a sente e não pode dizê-la, que o lábio a nomeia e não sabe louvá-la, que o coração a estremece e não consegue explicar a comoção que ela derrama nele.

A Pátria é tudo, meus amigos, porque é a vida e somos nós, é a terra e o homem, o envoltório e a essência. É o fulgor sidéreo do firmamento e o balouço cantante dos mares, o dardejo do sol e a pompa dos campos, o cachoeirar dos largos rios e o deslize suave dos regatos, as fronteiras altas da floresta e as flores breves da várzea redolente.

A Pátria é tudo, porque é o homem: são os antepassados, os que desvelaram a terra e lindaram as fronteiras; é o brandir das espadas na defesa e a ovação das vitórias; são os ímpetos e os raptos do gênio, na radiação da palavra, na feitura dos poemas, nos esplendores da arte; são fastígios e aclamações, renúncias e martírios, delírios e apoteoses; os benefícios do labor e a expansão da cultura, os ardores da liberdade e as afirmações do direito!

A Pátria é tudo, e é quase nada às vezes: uma flor, um regato, um sorriso, uma fonte, um travo de saudade, uma trova da roça, o perfume da selva, um treno de ave, um fugitivo aspecto, o grito do campeiro, um adeus, um suspiro, um ósculo, uma prece...

Ela vos fala em toda parte: no campo ou na cidade, nos altos píncaros das serranias ou na alfombra dos vales deleitosos. É minha, é vossa, é nossa onde quer que estejamos; é nossa, porque nô-la herdou a sinergia de nossos avós. É nossa aqui ou alhures, no trecho remansoso em que nascemos ou nas planuras do sul, nas altitudes do centro ou nas depressões do norte, em frente ao mar ou no sertão, nas areias das praias ou nas torrentes que descem dos pendores.

Ela vos fala em todo tempo: nas volições do presente, nas elaborações do futuro, nas rememorações do passado.

Quereis vê-la? Senti-la-eis, para ventura nossa, no riso meigo das crianças, no beijo inigualável das mães, na austeridade e ternura das esposas, na santidade e dulcedão dos lares.

A Pátria é recordar e surgir: é a cruz dos túmulos e o rendado dos berços.

Quereis vê-la ainda? Contemplai-a na sua relevante afirmação de vida e de trabalho, de lutas e vitórias, de consagrações e sacrifícios. Lêde-lhe as páginas da história; e delas ressaltarão as pugnas liberais, as emoções nativistas, os embates da in-

dependência, os enlevos da fé, as magnificências da língua, a elação épica dos heróis e o sangue bendito dos mártires.

Tudo em seu nome nos abençoa, e consola, nos aprimora e anima. Nada nela deperece e falha, porque tudo se perpetua no culto que ela exige. E é por isso que o seu amor nos infiltra a força nova, com que se retempera a coragem, se exaltam os ânimos e se aceram as armas.

Quanto mais a souberdes amar, maiores e melhores sereis, porque ela resume tudo e tudo recompensa, com a só ventura de podermos gritar-lhe ardentemente: — És nossa!

Pátria feliz a terra do Brasil!

Tudo nela nos ensoberbece: o solo, a gente, a crença, a língua, as tradições e as esperanças.

O solo! O seu lugar à superfície do planeta, qual o país que o tem mais belo e majestoso? A vastidão da área, a feracidade da terra, o tesouro das minas, a formosura empolgante dos aspectos, as caudais desmedidas que emanam dos alcantis e chapadões e despeadamente se decantam no mar, as cachoeiras-assombros, as florestas entresachadas, as grutas maravilhosas, o rio-mar, todos os produtos e panoramas — onde, com tanta exuberância e tão linda opulência, os terá tido assim, outra nação?

A raça! A nossa raça é forte e valorosa: suave na paz, sincera na família, contente nos labores, caroável no trato, perseverante na luta, honesta nas ações, convicta nos direitos e intrépida na guerra. A liberdade e a justiça lhe vêm servindo de marcos miliários, através da clara e reta estrada do seu benéfico evoluer. Admirável pelo vigor dos caracteres, pela firmeza dos princípios, pela persistência das vontades, pela certeza dos destinos, ela possui, como o belíssimo dos seus florões de glória, o ter mantido sempre a integridade da gleba imensa e desproporcional que a fortuna lhe deu.

A crença! A nossa crença é o mais amável dos credos, o mais intemerato, o mais consolador, o mais piedoso. Vem da pureza dos princípios morais, transvasados, como candura e fé, no seio das mulheres, como dever e disciplina, no íntimo dos homens. Guia-nos e protege-nos, porque nos traça a reta da perfeição moral, expunge as nossas dores e nos volve a alma feliz, sossegada ou fremente, às alturas de Deus.

A língua! A nossa língua é o maravilhoso instrumento da inteligência e da sensibilidade do nosso povo; é a intérprete maleável e serena do bem que nos cerca, do dógma que nos enlaça, da mágoa que nos envolve, do desejo que nos tange, da ânsia que nos sacode; é uma lida canção de pureza e de amor sob o teto do lar; elo infrangível de coesão e de fraternidade na vida coletiva; poemas de sagrados ritmos e subitâneas belezas na lira dos poetas; ereção de princípios, demonstração de leis, sugestão de ensinamentos na boca dos sábios, no verbo dos tribunos, no ilapso dos predicadores. A nossa língua é uma harmonia de notas doces e um estrépito de poli-

fonía, um arpejo de cavatina e um clangor de clarins, um madrigal e uma apóstrofe, um arminho e uma lâmina, um favo de mel e uma pedra de sal. A nossa língua, mocidade louçã, que a falais e prezais, é aquele forte e cristalino idioma, em que se tem afirmado a nacionalidade, eternizada na sua literatura e palpitante nas manifestações mais altas da sua grandeza mental e da sua fulguração moral.

As tradições, o interesse geral, o destino comum, a solidariedade do pensamento e da vontade, são as cadeias que nos conjugam sob a força disciplinadora da mesma lei, sob o incitamento das mesmas aspirações, maneando as mesmas armas, divisando os mesmos horizontes, entoando os mesmos hinos e enaltecendo as mesmas glórias.

Pátria bendita a terra do Brasil!

Surgiu da influência lustral da Cruz de Cristo, pela boca suave dos missionários da fé. Aproximaram à terra as naus colonizadoras e foram derramando, a pouco e pouco, os núcleos iniciais do seu povoamento, os marcos fundamentais do seu trabalho.

E cresceu assim. Hoje uma cidade que irrompia. Erguiam-lhe as paredes, abriam-lhe os caminhos, alteavam-lhe o templo, amanhavam-lhe as terras, falquejavam-lhe os troncos, desentranhavam-lhe os mistérios da selva; e, lento e lento, mas forte e forte, as energias do braço e os impulsos do labor faziam tudo.

Outra cidade, além. . . mais outra. . . e o litoral, na orla povoada, assentava os padrões contra os ardis do mar.

A terra ofertava-se, formosa e virgem; e, além da serra, a cintilação dos diamantes, o rebrilho das esmeraldas, a rutilância dos filões auríferos atraíam os bandeirantes e os desbravadores do sertão. E o solo entrou a ser o céspede sagrado, de que emergia a nacionalidade: a gênese da nação.

Caldeavam-se as raças, entremesclavam-se os móveis, fundiam-se os influxos. Fremia no coração dos homens o ânimo de sentir a terra, de possuí-la como um grande bem inalienável, de guardá-la inteira contra os agressores. E socorreram-na com tão linda vontade, que a tornaram mais sua em seu amor e a desejaram livre.

Foi então que correu, estuante e fecundo, o sangue dos primeiros sacrificados à liberdade. Esta clamou os seus direitos; fez-se livre a nação. Agitaram-na as paixões, os embates, as idéias e os partidos. E nessas rudes e temerosas provas, entre sacrifícios e esforços, ela prosseguiu na sua trajetória através de dois reinados, até bater, um dia, à porta de ouro da democracia, integrada no Continente e assentada nos mais nobres, mais justos e mais liberais princípios de que se pode ufanar um povo.

Os grandes patriotas, os ídolos estadistas, os que dominaram pelo talento e pelas virtudes cívicas, os que se honraram em assistí-la, defendê-la e glorificá-la, todos lhe pagaram o tributo do amor que é o Dever. Porque, amar a Pátria é servi-la, é dar-lhe tudo, é entregarem-se-lhe os homens com os instrumentos do seu labor, com os utensílios da sua ação: — com a palavra, que é o lume da alma ou com a des-

treza, que é o broquel do corpo; com o arado à terra ou com a bateia ao ouro; com o livro, que acarreta idéias ou com o sabre, que defende a honra; com o buril ou o lápis, a retorta ou o microscópio, o pincel ou o plectro; com o exemplo e com a virtude, com a lei que erige e a fé que purifica.

Jovens! O Brasil é uma glória viva, porque possui história honesta e pura, cheia de abnegações e de altivezas, de feitos de altruísmo e arremetidas de nobreza. É como o caminheiro audaz, que segue sempre em frente; é como o justo, que mantém ereta a cabeça; é como o benfeitor, que abre o seu manto a todos.

No fragor das conquistas heróicas ou na amarugem das lágrimas, na guerra ou na seca, ele é sempre grande, sempre augusto, sempre sereno e sempre irresistível.

Pátria imortal a terra do Brasil!

Desnecessário, entretanto, me parece tudo quanto vos tenha dito, meus queridos amigos; porque este estandarte, que vai honrar a vossa grei e sagrar as mãos deste mancebo tudo nos diz, em lampejos de luz inconsultível.

Nas dobras desta insígnia vibram todas as nossas justas, esplendem todos os nossos feitos, falam todos os nossos heróis e vivem todos os nossos mortos!

Quando olhardes a palpação deste verde, o resplendor deste ouro e a suavidade deste azul, atentai, que vereis, como visões homéricas, os nomes do nosso patrimônio e as ações do nosso acervo de valores.

Vereis a cabeça ensanguentada de Tiradantes e o arremesso do Leão Coroado, Frei Caneca e o Padre Roma; o *Uruguai* de Basílio e o *Caramuru* de Durão; o bucolismo da escola mineira e o periodismo da independência; o grande Patriarca que amparou, como fulcro de ferro, a feitura da Pátria e os deputados do Brasil bradando às Cortes a nossa altanaria; os construtores e os doutrinadores, os plumitivos e os sábios; Feijó e Evaristo, Gonçalves Dias, o máximo cantor das nossas plagas, e Alencar, o colorista da pena, o retratista dos costumes; Teixeira de Freitas e Torres Homem; Riachuelo e Tuiuti e duas centelhas do valor militar: Barroso, o destemido, e Osório, o legendário. Vereis o fundo amor à Pátria e as altas ações de D. Pedro II, e a espada bendita de Caxias, luminosa na pacificação dos levantes internos e imperatória nas refertas da guerra. Vereis toda a tenacíssima batalha da abolição da escravidão com Silva Paranhos e Saraiva, Nabuco e Patrocínio; e toda a impertérrita propaganda da República com Saldanha Marinho e Silva Jardim, Prudente de Moraes e Bocaiuva. Vereis o ensinamento candente de Benjamin, o temeroso prestígio de Deodoro, a irredutibilidade inconcussa de Floriano; Osvaldo Cruz saneando, engrandecendo e patenteando o Brasil; Rio Branco integrando as fronteiras e propagando além delas o brilho da República; e Rui Barbosa consolidando a Constituição; ensinando a justiça, erigindo a verdade, auriflamando a língua e derramando o Direito ante as nações do mundo.

Eis o Brasil, senhores: ei-lo nesta Bandeira! Ela nos mostra o que fizemos no passado, de que nos orgulhamos, e nos ensina o que faremos no futuro, que se nos abre aos olhos pleníssimo de brilhos e esperanças, na visão das grandezas augustas, que não perecem nunca!

Sentido! porta-bandeira! Prepara e apura as tuas mãos! Vais receber o signo imortal de uma tradição de primores, de um legado de excelências, de uma herança de sublimidades!

Teu braço vai amparar, viril e forte, a haste em que se arvora esta flâmula, em que flameja este honrado pendão celso e ditoso. Mas põe cuidado, na alma, ergue-a à situação da tua investidura, unge-a com todos os teus ardores de Brasileiro, porque vais carregar, neste delgado e leve símbolo auri-cérulo-verde, o peso enorme de todo um povo altivo, de toda a tua terra, de todos os teus antepassados, de todos os teus sucessores.

A Pátria é tua, porta-bandeira ufano; a Pátria é vossa, adolescentes; a Pátria é de todos nós, moços e velhos. Louvemo-la e enalteçamo-la, mas principalmente defendamo-la: porque ela não nos pede favor quando lhe acudimos, nos perigos, com os vigores do nosso braço e as eficácias da nossa força.

Esta bandeira de paz, de trabalho, de cultura e de incitamentos propícios, é, neste momento, um guião de combate, uma insígnia de guerra.

Todo o Brasil está de pé! Todos os corações se congregam nas mesmas energias, para manter a Pátria à altura dos seus gloriosos destinos. Com os grandes povos a que se sente unido, o Brasil permanece dentro da sua rota inalterável. Amigo da paz, chamaram-no à guerra; ele se põe ao lado das potentes nações que se batem pelo restabelecimento da civilização, pela vitória das soberanias, pela restauração da consciência moral e pela restituição do Direito.

Neste momento a vida nacional é todo um conjunto de sacrifícios e intranqüências. Mas não nos fuja aos lábios, em obras e pensamentos, dia e noite, o nome estremecido do Brasil, cuja honra é o mais alevantado bem, cuja cultura é o mais justificado orgulho, cuja defesa é o mais impreterível dever dos Brasileiros.

Tu, vexilário feliz, que vais empunhar a Bandeira do Brasil, recebe-a genuflexo, com a alma em êxtase, com o coração banhado de fulgores.

Ela, é o que sempre foi, o que tem sido sempre, o que sempre será um lábaro de honra e de valor.

Nas ondulações e nos revérberos desta seda estamos todos nós com o nosso sangue e a nossa alma, com a nossa fé na sua grandeza e a nossa devoção à sua glória, para a sublimarmos à luz e à contemplação do mundo, para afirmarmos a excelssitude da sua inalterável essência, a perpetuidade da sua irredutível nobreza, eterna e grande, eterna e justa, eterna e pura, eterna e soberana, eterna, eterna, eterna!